

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

POLEN SATO PINHEIRO

LIVROCORPO:

Pintura Corporal em Rede

PORTO ALEGRE

2012

POLEN SATO PINHEIRO

LIVROCORPO:

Pintura Corporal em Rede

Projeto de pesquisa apresentado
ao Curso de Especialização em
Pedagogia da Arte como requisito
ao desenvolvimento do Trabalho
de Conclusão de Curso.

Orientadora: Profa. Dra. Paola
Zordan

PORTO ALEGRE

2012

“Tenho certeza de que há duas coisas na vida que são dignas de confiança: os prazeres da carne e os prazeres da literatura. Eu tive a grande sorte de desfrutar dessas duas coisas da mesma forma.”
(fala de Nagiko extraída do filme *O Livro de Cabeceira* de Peter Greenaway)

RESUMO

O filme, o livro, o corpo, as palavras. No filme são treze poemas escritos em japonês nos corpos de diversos homens. Com influência dos mais variados artistas, o diretor do filme *O Livro de Cabeceira*, Peter Greenaway, cria uma obra que mistura oriente e ocidente partindo da inspiração dos primeiros livros japoneses – *makura no soshi*, livros de cabeceira – e de uma das primeiras escritoras japonesas, Sei Shonagon. Poesias em evidência, o filme é o mote para a criação deste trabalho. A partir delas são convocadas treze pessoas para a criação de pinturas sobre seus corpos tendo como tema cada poesia e todos os referenciais utilizados na produção do filme. Este livrocorpo é objeto, para ser visto, manuseado, usado como convir. É corpo, carne, pele e sexo.

Palavras-chave: livrocorpo, pintura corporal, arte em rede, poética.

Lista de imagens

Cena extraída do filme *O Livro de Cabeceira* [pg. 14]

Cena extraída do filme *O Livro de Cabeceira* [pg. 16]

Pintura livro 1 [pg. 22]

Pintura livro 2 [pg. 24]

Pintura livro 3 [pg. 26]

Pintura livro 4 [pg. 28]

Pintura livro 5 [pg. 30]

Pintura livro 6 [pg. 32]

Pintura livro 7 [pg. 34]

Pintura livro 8 [pg. 36]

Pintura livro 9 [pg. 38]

Pintura livro 10 [pg. 40]

Pintura livro 11 [pg. 42]

Pintura livro 12 [pg. 44]

Pintura livro 13 [pg. 46]

Registro dos processos [pg. 54 e 55]

Sumário

- 7...[ponto inicial]
- 8...[o que move]
- 9...[*o livro de cabeceira* – o filme]
- 12...[o filme – o diretor]
- 13...[o oriente que toca]
- 14...[arte corporal]
- 15...[tatuagem]
- 16...[arte em rede]
- 17...[fluxo]
- 18...[convocatória]
- 19...[pudores corporais]
- 20...[prática]
- 22...[a agenda]
- 24...[o livro do inocente]
- 26...[o livro do inocente]
- 28...[o livro do impotente]
- 30...[o livro do exibicionista]
- 32...[o livro do amante]
- 34...[o livro da juventude]
- 36...[o livro do sedutor]
- 38...[o livro dos segredos]

- 42...[o livro do silêncio]
- 44...[o livro do traído]
- 46...[o livro dos nascimentos e começos]
- 48...[o livro do morto]
- 50...[pintura x tattoo]
- 51...[engano]
- 52...[voyeur da criação]
- 53...[registro]
- 56...[em aberto]
- 57...[o gesto]
- 61...[bibliografia]

[ponto inicial]

Nascida no berço tomado de tatuagem. No meio de papéis, lápis de cor, tintas, pincéis, agulhas e o barulho da maquininha que deveria causar certo receio, mas que na verdade despertava o desejo. Não demorou muito para começar a descobrir o que o mundo da arte poderia oferecer. Rabiscar um sol. Combinar as cores. Ampliar os desenhos dos brinquedos. Treinar luz e sombra. Lavar materiais. Atender clientes. Agendar horários. Fazer a cobrança. Abriu-se uma janela. Cobrir as mãos e se aventurar entre tinta e sangue. Agora o corpo como suporte. *Body art*. Primeiro foi só colorir. Em seguida ousar um voo solo. Paixão que torna a máquina uma extensão do braço. Que apesar de querer acabar com o lado negativo do sangue e o nome que carrega, desperta o desejo de ir além. Além do que a paisagem oferece. A gaiola não prende, se é que algum dia prendeu. A busca por novos vales, montanhas, bosques apenas começou.

[o que move]

Impossível determinar um ponto como ponto de partida. O que impulsiona é a palavra vinda da imagem em movimento. Cada momento é um ponto de partida. Vibrações sobre o filme, sobre o oriente, sobre o sangue. Recortes do filme, obras de arte, pinturas, desenhos, tatuagens. Imagem nascente. O texto move o desejo de impressão, de outras sensações. Angústia. Perturbação sensorial. *Insight*. “A própria ideia de criação implica desenvolvimento, crescimento e vida.” (SALLES, 2004. Pg. 27). Sensibilidade suspensa, à espera, à procura. Desejo de encontro, de fusão, de criação. Nomadismo da palavra, da imagem. Tinta escorrendo pela boca, tocando a pele, perdendo-se na água. Fragmentos. Escolhas que compõem a rede de corpos saboreados pelo mesmo pincel. Escolhas dispersas e não arbitrárias e menos ainda imóveis. Potência de vida.

“Quando Deus fez o primeiro modelo em barro de um ser humano, Ele pintou os olhos, os lábios e o sexo. Depois, Ele pintou o nome de cada pessoa para que o dono jamais o esquecesse.”¹

[o livro de cabeceira – o filme]



Imagem 1 - Cena extraída do filme.

1 Fala do ritual realizado pelo pai de Nagiko em cada aniversário seu. À medida que pronuncia as palavras, ele pinta a bochecha esquerda, a direita, a testa, a boca e, por fim, as costas. A Imagem 1 mostra a cena deste ritual.

A pequena Nagiko, de prenome igual ao de Sei Shonagon, é influenciada a manter um diário assim como a escritora que admira. Desde pequena tem contato íntimo com as palavras. Repetição de rituais. Complexo de Electra. Aniversários em sombra. Bochecha direita bochecha esquerda testa boca costas. Seu pai é editor e é sodomizado pelo editor para que seus livros sejam publicados. Bissexualidade. Obrigações matrimoniais e fogo. Fuga. Tinta e escrita. Pele e erotismo. Busca de manter a memória dos rituais de seu aniversário intactas. Busca da caligrafia perfeita. Fetiche. Troca de caligrafia e seu corpo por sexo. Promiscuidade sutil e corriqueira. O desafio de mudar o foco da busca faz apaixonar. Inversão de papéis. “Use meu corpo como as páginas de um livro. Do seu livro.”² A princípio papel. Depois o pincel. Pele como suporte. Papel, página, livro. Caligrafia sobre a pele. Tão sensual quanto o toque entre dois amantes. Corpo de escritas de amor e vísceras. Tinta que marca a posse momentânea. Que desperta o interesse do editor. Escrita que precede a sedução, a ereção. Energia erótica. Traição da paixão. Ciúme. Traição da escrita. Outros corpos são tocados por aquele pincel. Tentativa de chamar atenção que acaba em suicídio. Líquido negro que escorre pela boca. E a tinta é levada embora

2 Fala de Jerome extraída do filme.

pela água. Palavras eternizadas ao serem tatuadas. Morte e vingança. A pele extraída do corpo que faz renascer a paixão. Bendito fruto desta árvore morta.



Imagem 2 - Cena extraída do filme.

[o filme – o diretor]

Peter Greenaway é inglês. Passeante entre o cinema, vídeo, teatro, pintura, arquitetura e design, é também autor dos poemas do filme. Foge da narrativa linear. Procura criar uma *parfait mélange* entre o Oriente e o Ocidente. Utiliza diversos artistas como referência para a produção do filme. Do oriente: Utamaro, Hokusai e Hiroshige. Do ocidente: Klint, Gauguin, Degas, Schiele, Toulouse-Lautrec, Whistler e Vuillard. Greenaway faz um jogo de valores sociais. Banalidade do absurdo. Reprovações sociais rotineiras. Vida. Explora todos os sentidos. Traz a caligrafia na tentativa de resgatá-la como símbolo da relação entre corpo e pensamento. Combinação entre imagem e texto. Alfabeto japonês são imagem e texto simultaneamente. Pode ser lido como texto e visto como imagens.

*“Um dorso do pé como um livro meio aberto.
Um umbigo como o interior de uma concha.”³*

[o oriente que toca]

Escrita de imagem. Imagem em escrita. Sei Shonagon escreveu um dos primeiros *makura no soshi*. Era dama de companhia da imperatriz Sadako, no século X. Livros de escrita rápida em uma época em que o Japão desenvolvia sua própria caligrafia, inundados pela influência chinesa. Escrevia sobre o que via na corte. Poema. Fazia listas de diversas coisas. Lista de coisas elegantes lista de coisas esplêndidas lista de coisas que irritam. katakana hiragana kanji. Flor de cerejeira samurais neve papel de arroz monte fuji. Teatro *nô*, *kyogen*, *kabuki*, *bunraku*. Dia do sol da lua do fogo da água da árvore do ouro da terra.

3 Trecho do livro de Sei Shonagon citado no filme.

[arte corporal]

Novo velho suporte. Velho novo suporte. Relação arte e corpo. Pintura desenho tatuagem piercing branding escarificação happening performance. Está nas primeiras manifestações de pintura humanas. Está nos registros mais recentes de arte contemporânea. O corpo que emana vida e que é frágil. Que possibilita transformações, mas também limita. Corpo e pele em constante devir. Contínua metamorfose. Teste dos limites corporais. Quanto pode a dor? Quanto além vai um sofrimento? Quanto dura o prazer? Quanto queima a sua carne? Quantas vezes o sangue pode mudar de cor? Quão preto pode ficar o vermelho? E quão colorido pode ficar o preto?

[tatuagem]

Temida desejada idolatrada condenada. Polinésia Filipinas
Indonésia Nova Zelândia. egípcios maoris ainus deuses guerreiros
pajés mulheres casadas solteiras chefes subalternos vencedores
perdedores. Ötzi. tribal pontos animais motivos geométricos
religiosos míticos. pedaços finos de madeira dentes de animais
ossos bambu. tatau ta-to tattoo. prosperidade prestígio sucesso.
Yakuza criminosos máfia *Old School* bases militares marinheiros
máquina de tatuagem mulheres como vitrine dos trabalhos putas
maquiagem. circus mãe pai filhos velhos jovens crianças
espetáculo atrações conservadorismo. primeira guerra bravura
saúde. segunda guerra judeus vergonha. cinema motoqueiros
infratores doença envenena o sangue. Corpo tatuado corpo
tocado corpo inscrito corpo transformado. Metamorfose.
Sadismo tatuador. Masoquismo tatuado.

[arte em rede]

Rede de trocas. investigação ação jogo. Convite a sentir e pensar o cotidiano. arte coletiva. Apazigua a solidão. Troca de palavras de imagens de sons. Colagem acumulação montagem sobreposição fragmentos junção coleta. Criação de novo tempo contexto espaço. Interrogar o habitual. Colocar problemas. Estabelece-se conexões entre os diversos pontos da rede.

[fluxo]

Não necessita ser artista. Todos são convidados. Fluxo. Liberação.
Ausência de seleção. Variadas possibilidades de fruição.
Dessacralização da arte. Fluxus. Não-produto-erudito. Esthesis.

[convocatória]

Um convite à doação de uma parte de pele. Qualquer parte. Convite à doação de tempo. Convite à participação da performance, do espetáculo. Ação em rede. Data limite. Data limita. Divulgação feita por blog, rede social, boca-a-boca. Oferecimento de um lugar de experimentação. Um espaço zero e ao mesmo tempo atravessado por inúmeras linhas. Sem começo nem final. Pegar o que é dado e retornar melhor. Com amor comprometimento paixão. Confiança e respeito.

[pudores corporais]

Não se trata de invasão de privacidade. É um consentimento de invasão. Uma invasão que sobrepõe, mistura, agrega. Não destrói, nem mata. Em que momento se deu o grande pudor do corpo?

“...temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes, maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver - isto significa, para nós transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo.” (NIETZSCHE, 2001, pg. 13)

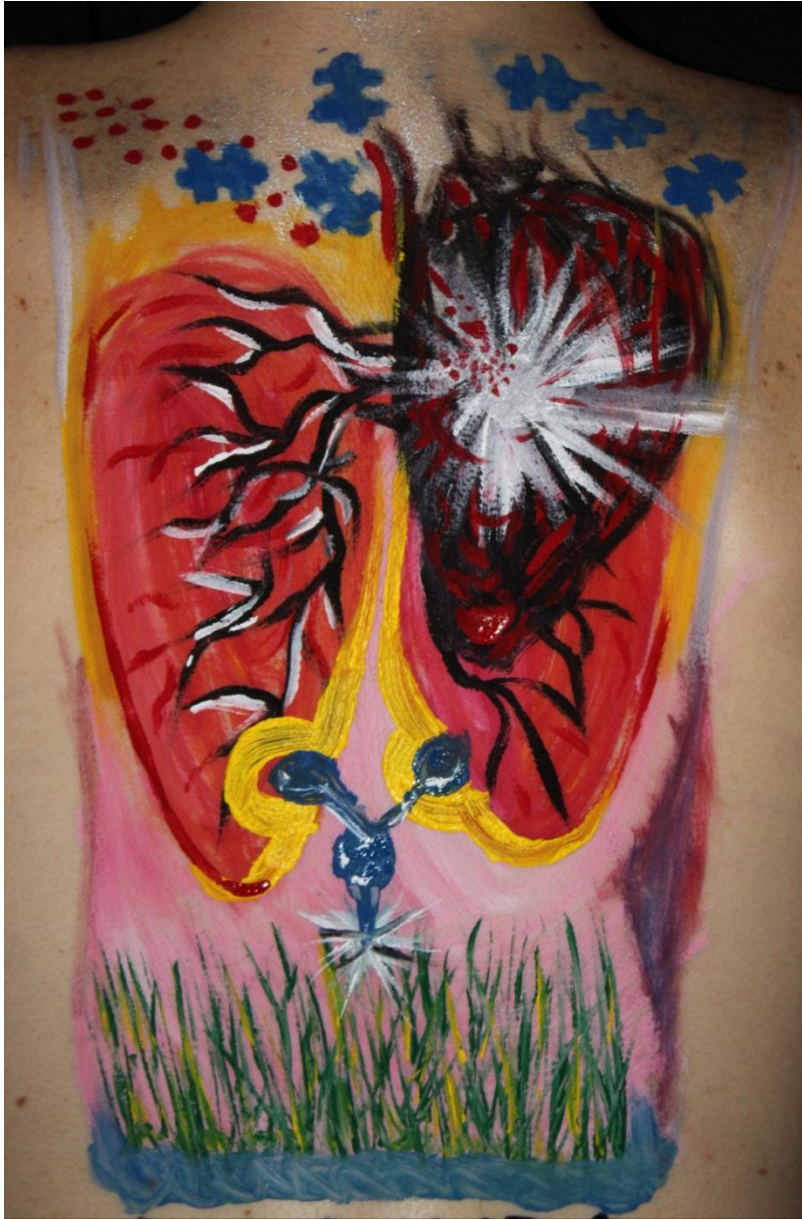
[prática]

O primeiro estágio é solitário. Diálogos de um só eu. Começa por um vazio total constituído por tudo que está ao alcance e até mesmo o que não está. É seguido por pequenos movimentos. (acredito que os movimentos já estavam ali e este é o momento em que começam a ser percebidos). “O aroma de papel branco é como o aroma da pele de um novo amante que acabou de fazer uma visita surpresa.”⁴ Os fluxos se ampliam, multiplicidades infinitas de vontade de experimentação. Mas o combinado é não apagar o que já foi feito. Como na tatuagem, a linha fica para sempre. A primeira linha feita continuará até o final da criação, mesmo coberta por outra, estará lá. Como Cecília Almeida Salles diz em seu livro *Gesto Inacabado*: “Gestos construtores que, para

4 Fala de Nagiko extraída do filme.

sua eficácia, são, paradoxalmente, aliados a gestos destruidores: constrói-se à custa de destruições.” (Pg. 27). O pincel ataca a pele em suas singulares irregularidades. Incitação e provocação dos pensamentos, dos sentimentos, dos sentidos. De alta tensão, de alto tesão. Experimentar, ousar. “Pois o ato criador se realiza na ação.” (SALLES, 2004, pg. 20). Zona de infinitas possibilidades.

[a agenda]



Disparo. Começo do livrocorpo. A grandeza reside nos pulmões junto ao coração. Limite de territórios que não se delimitam. Sobrepõem-se. O ar que alimenta. O ar que fica imundo. O mesmo ar que seca a tinta. O sangue sendo irrigado. O vermelho que se transforma em preto que se transforma em vermelho. Sopro de inspiração. Cada parte (do corpo) se conecta singularmente. Como um campo de hastes de arroz. Ou os pontos de costura do tatame. Na barriga onde é feita a seleção e a retenção. Fluxo contínuo. Eterna espera. Ponto zero não de vazio, mas de potencializador. Futuro e passado mostrando evoluções. Coda. Sexo. Gozo. Reprodução. Traição. Porvir.

[o livro do inocente]



Páginas em branco. Sem palavras e sem ilustrações. Corpo virgem. Páginas empoeiradas do pó do fabricante. Um livro não usado e também não lido. À espera da tinta. Um livro sem dobras, sem marcas de manuseio. Lombada de costura firme. Um volume sem marcas. Desejando o prazer. Mesmo que viesse à força. Ser tomado em cheio por mãos que o deixem marcado. Dedos que toquem cada página.

[o livro do idiota]



Frio. Tantas palavras e tão pouco significado. Palavra sem voz, no entanto, uma caixa de muito barulho. O oco que traz o *nonsense* à tona. O clichê que agrada a todos. Mas nem todos admitem o mau gosto. Admiração secreta. Desejo reprimido. É o idiota que digere aos poucos seus pensamentos em meio a atitudes cotidianas sem utilidade. É sentar no sofá, assistir televisão, coçar a barriga, tomar uma cerveja, comer pipoca. Cheio de pulgas e carrapatos. Mas tem verdade na sua palavra. E mais que isso, tem humor. Não melhor que o papel higiênico, mas também não pior que isso. Arrogante e presunçoso em uma prateleira qualquer, diz o que ninguém quer ler. Por isso é esquecido, largado ou perdido.

[livro do impotente]



Muito (bem ou mal) utilizado. Palavras embaraçadas. E talvez, sem significado algum. As citações são maiores que o próprio livro. Uma situação acadêmica. Você nunca pode pensar sozinho. Seja lá o que for alguém já pensou antes e também já escreveu sobre isso antes de você. Procurar e referendar. Inúmeras notas de rodapé. pé chato pé de atleta pé de coelho pé de moleque pé de bailarina pé de pato pé de pano pé da letra pé de galinha pé de cabra pé moleque pé de meia pé rapado pé de vento. Qualificação que bloqueia a vida. Que fecha a biblioteca e cobre de poeira as capas.

[o livro do exibicionista]



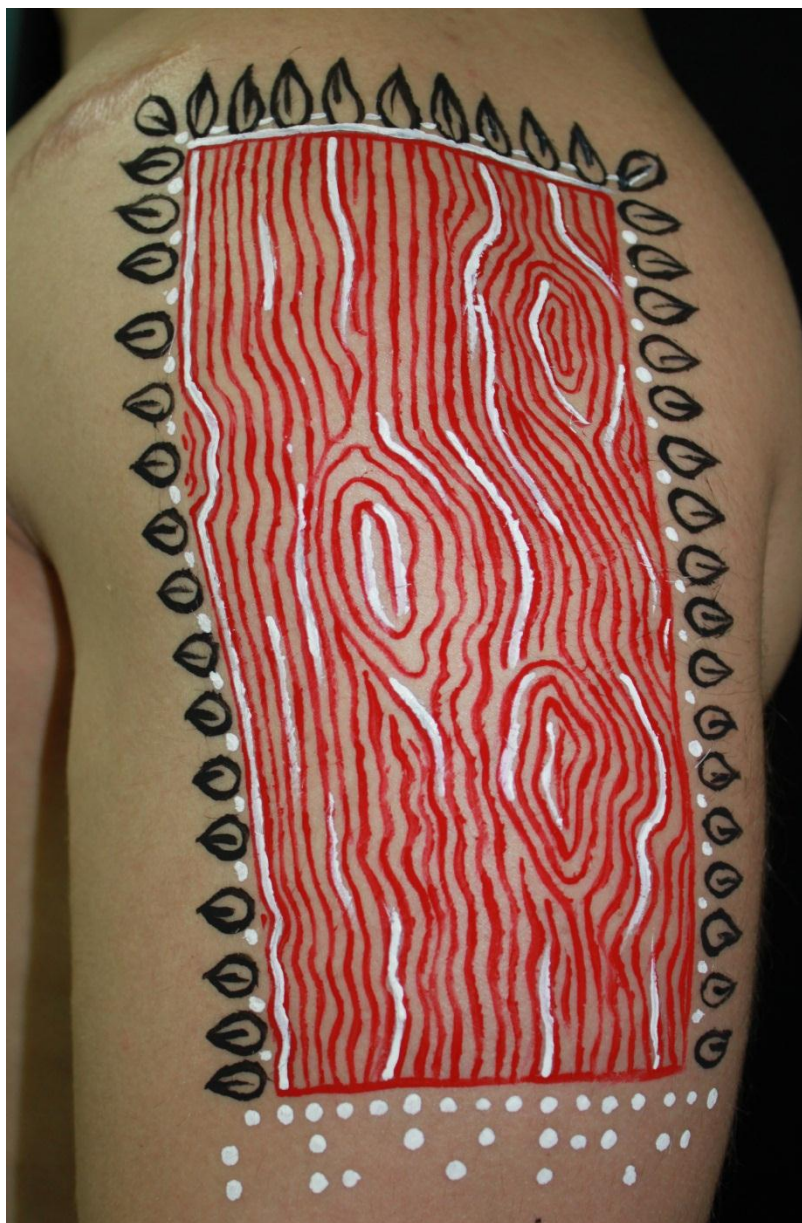
Em vermelho e dourado é o que mais chama atenção. Está acima do peso. Não consegue chegar sem ser notado. Palavras cheias de colesterol. Escorre gordura pelas suas linhas. Necessita perder peso, ser mais saudável. Ao cair destrói. Quebra os dedos dos pés. Masca sempre alguma coisa que não engana o mau hálito. Que fede como couve flor ao cozinhar, mas não perde o sorriso. Faz misturas incompatíveis que não vão chegar a lugar algum, que não desejam nada. Hiperbólico. De humor vulgar. O ator que exagera nos movimentos, nas emoções, que torna o falso mais falso ainda.

[o livro do amante]



Esse somente eu toco. Ou somente eu deveria tocar. Pele gelada de frustração. A vida não imita a arte. Desespero. Ele esteve junto a meus olhos minha testa minhas bochechas minha boca meu colo meus seios meus braços meus pés minha barriga minhas pernas meu sexo meu ânus. Ele me fez sorrir, me deixou molhada, me fez gozar. Sangrei por ele. Tornamo-nos apenas um. Estive no alto da montanha. Acaricieei cada página, beijei cada palavra. Páginas que gemem. Ao ritmo do livro as páginas urram e ao terminar ouve-se um suspiro e vem o desejo de começar novamente. A morte o torna imortal. Sacia o desejo de contemplação. Sensualidade no travesseiro de madeira. Marcas eternas no corpo que carrega o fruto.

[o livro da juventude]



Tudo começa pela sedução. Onde existe algum desejo, existe um jogo. O tipo de jogo que você nem percebe que está jogando. Perde-se o texto, mas não o prazer. Como é a vida de um livro? Como ele nasce? Ele tem pais? Ele precisa ter pais? Família? Um livro pode gerar outro livro? Nascer de outro livro? Quem é o pai dos livros? Quem é o deus dos livros? Como é a reprodução? A partir de que idade o livro pode parir outro? Precisam ser alimentados? Eles choram, gritam, têm qualquer tipo de sentimento? É um livro que já tem uma trajetória. Tem todos os tipos de lembrança em cada ruga, em cada cicatriz que apresenta. Ele te abraça e te conforta. Ele está vivo nas suas memórias. Em cada olhar desviado. Em cada toque forçado forjado escapado.

[o livro do sedutor]



Ele poderá te enganar na primeira distração. Aí você é vítima. Mas se não for atingido não sentirá tamanha dor da traição. É um engano. Como a isca para pescar um peixe, matar um rato. Aguça os sentidos, atrai pelo cheiro, pelo gosto, pela beleza. Um jogo de sedução que quando você percebe já está inserido e sem volta. Ele reflete suas vaidades. Ele chega próximo ao seu coração. Você fareja um rato. Agora um elefante. E de novo um rato. E em chamas e ao mesmo tempo se afogando. Tarde demais. Você foi pego pelo livro. Coração capturado pelo rato. Ele invade sua privacidade e golpeia onde você nem imagina que pudesse ser atingido. Não adianta fechá-lo. Ele te usou. Ele te pegou à força. Ele te estuprou e gozou dentro de ti para que continuasse a carregar suas palavras.

[o livro dos segredos]



Escondido em um corpo dito são. De nada adianta passar os olhos sem enxergar uma letra sequer. Passar os dedos sem sentir as curvas do dorso deste livro. A tentativa de escrever requer outro suporte que não quem escreve. Uma corrida para entender uma caligrafia difícil. É uma prescrição médica dificilmente entendida. Mas mesmo assim, o prazer nunca será problema.

[o livro do silêncio]



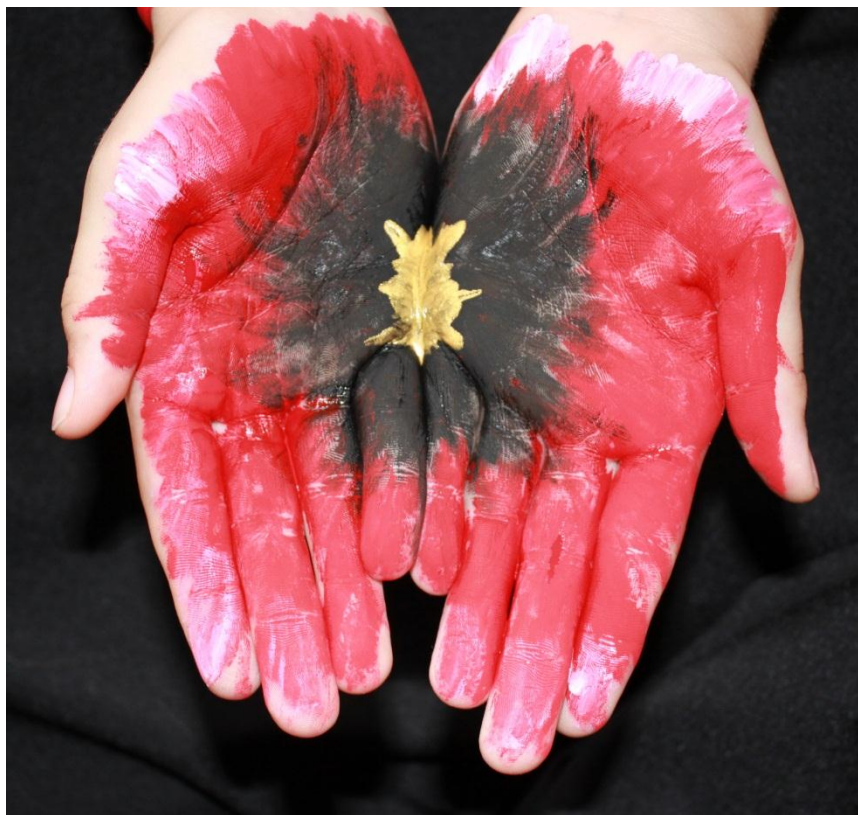
Não mostra nada a primeira vista. É considerado livro em branco. Mas falta observação. Falta abrir a pequena porta, levantar a pedra mais leve. As palavras também necessitam descanso. Faz-se silêncio. Mas também quebra-se se o silêncio em silêncio. Sussurra-se.

[o livro do traído]



Tragédias acontecem para não revelar o próprio trágico. Perde-se o que nem começou para não ter o entre. O que está no meio não é algo apreciado por todos. O recheio também pode ser descartado. Ocultar uma traição é trair inúmeras vezes. É trair a traição.

[o livro dos nascimentos e começos]



O ponto de partida nem sempre é um ponto parado. Nascer é só colocar para fora o que já estava sendo gerado. O ponto de partida pode ser o começo da terceira volta. Começar não quer dizer que você estava parado. Nem em todo ponto de partida você escuta o tiro. Nem em todo nascimento você ouve o choro.

[o livro do morto]



A morte não indica o fim de algo velho. O livro velho ainda tem força por mais que suas páginas estejam secas. O coração está fraco mas ainda bombeia a tinta. O corpo não aguenta mais. Os olhos enfraquecem e não conseguem mais focar a palavra. Revelação. Surpresa. Vingança.

[pintura x tattoo]

A tinta líquida se transforma em tinta pastosa. As agulhas se transformam em pincéis. O papel agora é substituído pela ponta dos dedos. Já não escorre tinta. O sangue não brota dos poros. A dor não existe. A água com sabão lava e leva embora a obra de arte. Intimidade a ser conquistada. Ao final de tudo não restam marcas na pele. Nenhum vestígio de que algo ali aconteceu. Sem o barulho da máquina, é assustador ouvir tão alto assim durante o processo.

[engano]

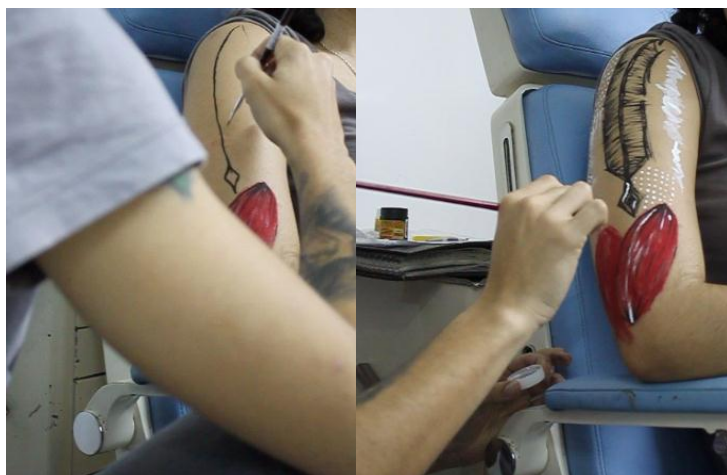
A tinta que se espalha na pele, que se mistura ao suor, ao cheiro e gosto de quem toca, sente e saboreia. A tinta trazia uma proximidade com o trabalho cotidiano. A decepção foi que era apenas uma proximidade. Difícil aproximar a pintura da tatuagem. Os poros não permitem. O pincel apenas encontra a pele. Mistura não permanente da tinta com a pele. Tinta que não encontra o sangue. O nanquim alternando cor. Os pincéis inventando movimentos em seus variados tamanhos, formatos e quantidade de cerdas. As cores em quantidade mínima misturam-se para possibilitar outras.

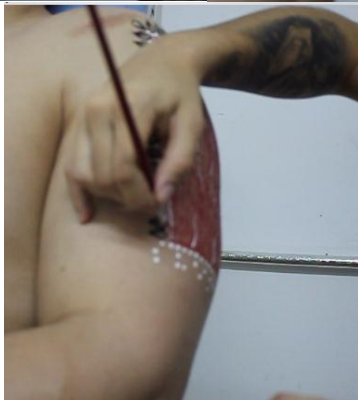
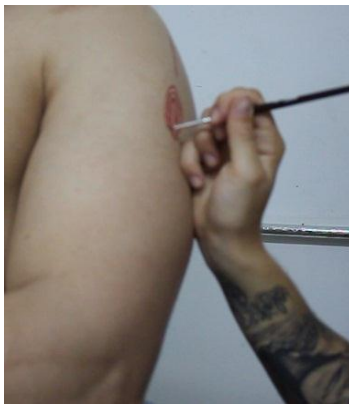
[voyeur da criação]

O trabalho é atravessado por conversas olhares casos estórias músicas buzinas relatos gritos palavras passos risadas choros desejos toques. Dissolução das fronteiras da criação. Tudo preenche o encontro. O momento transborda. A intuição pulsa na ponta do pincel. Sequência de gestos na intimidade da criação.

[registro]

A pintura é dada como finalizada. Click! A foto para registrar. Momento tão importante quanto o ato de criação. Escolher um ângulo (ou muitos). Escolher a luz, o *flash*. Tudo faz parte e influencia o jogo. Além da própria criação, o próprio olhar. A cumplicidade entre o espectador, a obra e a artista. O registro reinventa a vida. Possibilita a reatualização do processo. É o suporte da ação. Movimento do olhar.





[em aberto]

O interesse não é na forma final, mas na transformação possível de todas as formas. Interessa o que acontece no meio. O que está entre o desejo de pintar, de fabular, de escrever, de criar. Exige do receptor uma participação bastante ativa. Possibilita variadas interpretações. Deixa a possibilidade de relações em aberto. Liberdade do prazer estético. Combinação entre pintura e corpo. Combinação entre literatura cinema desenho corpo. Metamorfose do livrocorpo. Obra aberta. Obra em movimento. Assume diversas formas, não pensadas previamente. É um processo dinâmico, sempre em busca. Exige mobilidade.

[o gesto]

Ressignificação da produção expressiva. Fazer pensar e escrever sobre este fazer. Fazer é a fonte de todo conhecimento. Experimentar. Desejar. Ato criador intenção realização reação esforço sofrimento decisão satisfação. Quer ser intenso instável esfumaçado ter vida própria. Ir e voltar, aprofundar e sair, encontrar e perder. “É a criação como movimento, onde reinam conflitos e apaziguamentos.” (SALLES, 2004. Pg. 28). Momentos e movimentos de criação. O acaso. Não existe uma estrutura, espalha-se por todos os cantos, entra por todas as frestas, invade os poros e todas as entranhas. E todas estranhas. Livrocorpo é objeto. Livrocorpo desenhado, pintado, cortado, costurado à mão.

[bibliografia]

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Editora Perspectiva, 2012.

LIVRO de cabeça, O. Direção de Peter Greenaway. França/Holanda/Inglaterra/Japão: Kasander & Wigman Productions, Alpha Films, Studio Canal, Channel Four Films, Delux Productions, Eurimages, Nederlands Fonds voor de Film, 1996. DVD, 126 min. son., color. Legendado. Port. Drama/Romance.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAFFAELLI, Rafael. *O Livro de Cabeceira: o livrocorpo*. In:___ Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. Florianópolis, outubro, 2005.

SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004.

_____. *Redes da criação: construção da obra de arte*. Lisboa: Horizonte, 2008.